

# O PANORAMA.

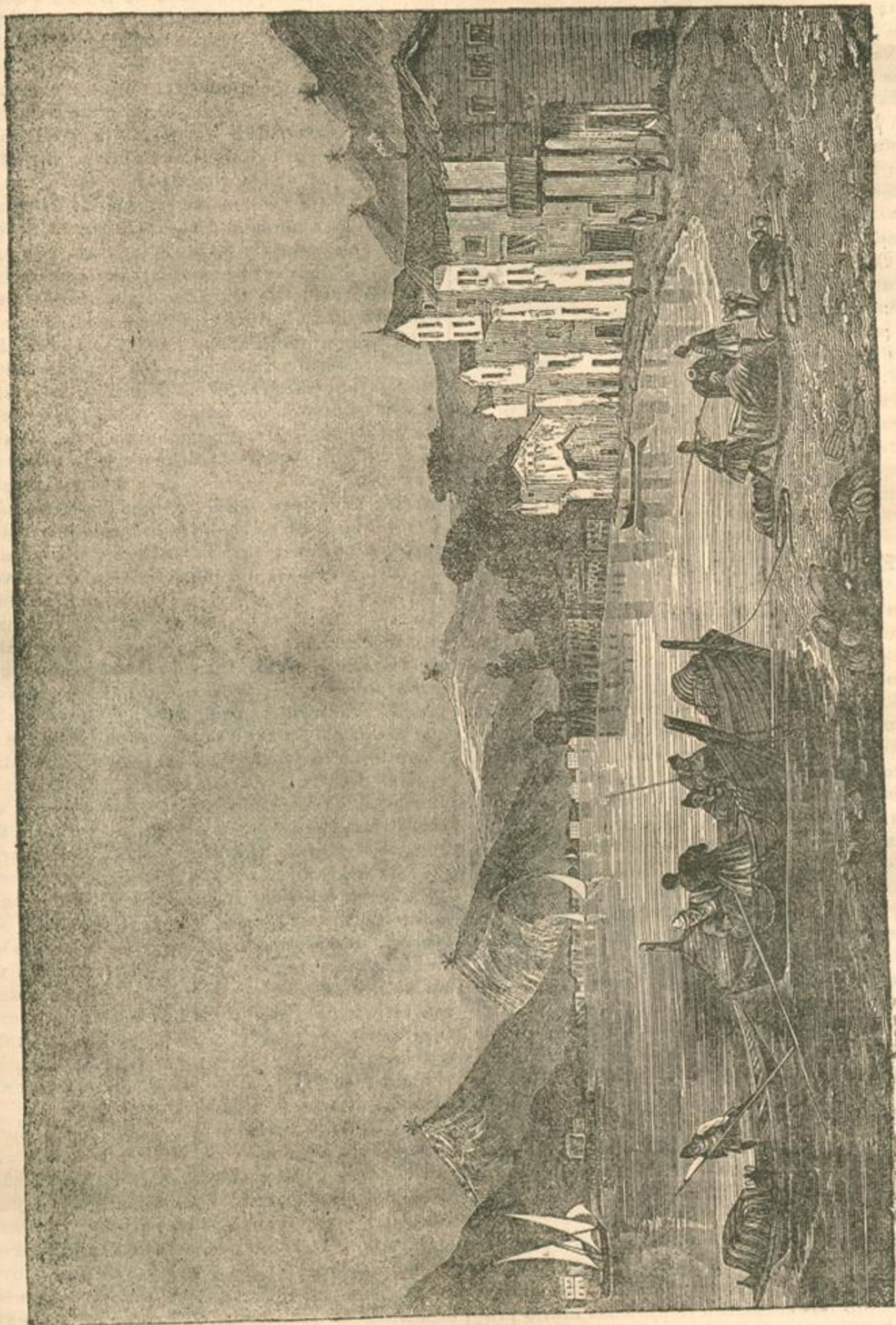
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

138)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (DEZEMBRO 21, 1839)



ITHACA, UMA DAS ILHAS JONIAS.



## ITHACA.

ULYSSES é o heroe do segundo poema d'Homero; Ithaca, hoje chamada pelos gregos modernos Thiaki, foi o reino de Ulysses; e os cantos do patriarcha da poesia deram nome a esta pequena ilha, que actualmente entra na confederação ou republica das ilhas Jonias, protegida pelo governo britannico, e de que demos noticia a pag. 292 do 2.<sup>o</sup> vol.

Ithaca terá 12 milhas inglezas de comprimento e 4 na maior largura, com a população de nove a dez mil almas: é separada da ilha de Cephalonia, ao nordeste, por um canal de tres a quatro milhas de largo. Na costa oriental fronteira á terra firme d'A-carnania, de que dista obra de 20 milhas, está a profunda bahia de Bathi, e a cidade do mesmo nome com bom porto, e 2:000 habitantes: os suburbios desta são plantados de vinhas, d'olivaes, e laranjaes; mas o restante da ilha, sobre tudo na costa occidental, é montuoso e cheio de fragas, com alguns valles pequenos e fundos, mas de bom torrão e cultivados. Tem abundancia d'aguas, mas falta de lenha. O povo segue o rito grego, e occupa-se na agricultura, nas pescarias e n'algun commercio costeiro. As exportações consistem em azeite, passas chamadas de Corintho, e vinho tinto, que é um dos melhores da Grecia. O clima d'Ithaca é benigno e saudavel.

Ha nesta ilha, como em cada uma das sete da confederação uma eschola, alem das primarias, onde os estudantes aprendem o grego e o latim classicos, grego moderno, inglez, italiano, e mathematica elementar.

## ESCRAVATURA ANTIGA E MODERNA.

EM todos os paizes da Europa existem preocupações relativamente á questão sobre que versa este artigo: accredita-se que as colonias não podem ser cultivadas senão por escravos: examinemos pois este facto, porque é interessante para nós: reunamos pois n'um só quadro todas as informações e todos os dados, não só da theoria, mas tambem da experiencia. Quando se quer calcular o preço por que fica o trabalho de um escravo, ha quatro considerações que fazer: 1.<sup>a</sup> custo delle, e despeza da sua educação: 2.<sup>a</sup> gastos com a velhice não productiva: 3.<sup>a</sup> comida e vestuario: 4.<sup>a</sup> juros de todos estes fundos assim applicados. O celebre economista russo Storch, que estudou com toda a applicação a escravatura na Russia, diz o seguinte: O escravo trabalha sempre para outro, e nunca para si: a sua vida é toda material, e como não ha nada que o estimule, torna-se uma simples machina muito dispendiosa, e sempre difficulosa de mover-se. Todo o homem a quem se não paga sufficientemente pelo seu trabalho, trabalha o menos possivel: isto é regra sem excepção. Quando um trabalhador livre é tomado por alguém a jornal, ou de empreitada, todos sabem a differença do trabalho: no segundo caso o trabalho adianta-se rapidamente, e muitas vezes o trabalhador arrisca a saude para o acabar: no primeiro adianta-se sim, mas como? Se isto acontece com os nossos operarios, que será com escravos? Vejamos a antiguidade: os romanos, no começo da republica, e mesmo muito depois, amanhavam pelas suas proprias mãos as terras: emquanto isso aconteceu foram ellas muito productivas: havia muitos proprietarios pequenos; muitos pequenos rendeiros; muitas aldeas florescentes, povoadas de trabalhadores livres: tudo isto desappareceu logo que entregaram as terras ás mãos d'es-

vos: o paiz tornou-se em uma solidão magnifica, onde só se viam aqui e acolá soberbos palacios, rodeados de miseras cabanas, habitadas por escravos. Este facto, attestado pelos historiadores romanos, é confirmado por Plinio, Varrão, e Columella. — “Por que rasão [pergunta Plinio] a Italia produzia as bellas searas, que faziam a unica riqueza dos nossos passados? He porque cultivavam por si mesmos as suas terras: hoje em dia estão entregues a infelizes que trazem no rosto a marca indelevel da sua escravidão!” A superioridade do trabalho dos operarios livres sobre o dos escravos é attestada pelos proprios senhores, quando estes teem intelligencia necessaria para calcular a differença, e são dotados de boa fé para a confessar. Veja-se Columella na parte da sua obra, onde conta uma infinidade de factos de perversidade e negligencia, practicados por escravos: he principio incontestavel, diz elle, que qualquer que seja a qualidade de trabalho, a producção livre é sempre superior á do escravo. Este testemunho á verdade é-nos dado por escriptores romanos que possuiam terras e escravos. Isto emquanto aos trabalhos ruraes; nas fabricas e manufacturas, a superioridade do trabalho livre é ainda maior: o exemplo está na Russia; aqui, á medida que as manufacturas se multiplicam, assim se vê practicamente esta asserção verificada. No anno de 1805 Mr. Ponteleyet, fabricante em Moscow, libertou todos os seus escravos, em numero de 84, e o seu exemplo foi seguido. Mr. Brougham, na sua obra *Politica Colonial*, adopta esta theoria: “Se o trabalhador é escravo [diz elle] só o medo o fará trabalhar: será preciso uma vigilancia continua, porque só esta, acompanhada de castigos, o poderá embaraçar de se entregar ao ocio; mas os castigos são limitados por sua natureza para não inutilisarem o escravo; podem se elles o obrigam a trabalhar, nunca o farão ser activo, vigilante e sagaz. Hume faz a seguinte reflexão:—A experiencia dos plantadores mostra que a escravatura é tão nociva aos senhores como aos escravos. Burke é do mesmo parecer. O grande Franklin diz o seguinte: é um erro o suppor que as colonias com escravos possam luctar em tempo algum com as fabricas da Inglaterra, servidas com homens livres: jámais o trabalho daquelles poderá competir, nem ser tão barato como o destes, e a rasão é clara: compare-se o preço do custo de um negro, o seguro de vida, a comida, o vestuario, os dias de descanso, as molestias, &c.: juncte-se a isto a perda occasionada por dilapidações e roubos do escravo, porque, regra geral, o escravo é sempre ladrão: compare-se tudo isto com o salario de um trabalhador livre, e veja-se a differença. Os viajantes modernos confirmam esta asserção: Koster, na sua viagem ao Brasil, diz que o trafico da escravatura devia ser prohibido alli, pela unica rasão de que hum homem reduzido á escravidão não póde ser tão util á sociedade como o que conserva o uso livre de todas as suas faculdades e acções.

A sociedade interessa em que dependa dos individuos a possibilidade de fazerem fortuna: assim é que o estado social melhora, e tende á perfeição: esta verdade indubitavel é mais clara ainda para todos aquelles que teem tido occasião de examinar pessoalmente o trabalho dos escravos: a indifferença e a negligencia destes, e a apathia de seus movimentos provam peremptoriamente que nada lhes importa o trabalho que fazem: tive occasião [diz o viajante] de ver dois bandos de trabalhadores em uma plantação, um de escravos, e outro de trabalhadores livres: os livres cantavam durante o trabalho, seus movimentos eram livres e desembaraçados: os



pobres escravos trabalhavam sim, porem em morno silencio, e os seus movimentos, vistos de longe, eram apenas imperceptiveis. O capitão Hall diz ter visto o mesmo nos Estados-Unidos, onde viajou. Muitos mais factos podiamos acrescentar, porem bastarão estes para mostrar evidentemente que em toda a parte onde as duas qualidades de trabalho estiverem a par, o livre destroe o escravo. A experiencia mostra tambem que em toda a parte onde se emanciparam escravos as terras augmentaram de valor. Coxe, que viajou na Polonia, diz que muitos fidalgos polacos, por philantropia e religião, libertaram os seus escravos: o resultado mostrou que este procedimento, que lhes era tão honroso, lhes foi tambem util, porque as suas terras assim libertadas augmentaram rapidamente em população, e as suas rendas triplicaram. Causa notavel! A religião, a humanidade, a philantropia, a utilidade publica e particular dão-se as mãos neste objecto, para se realisar e generalisar esta proficua deliberação! Oxalá que seja levada a effeito!

X. d'A.

#### SOBRE A VENTILAÇÃO E LIMPEZA NO INTERIOR DAS CASAS.

Não ha cousa tão necessaria para alimentar a vida como a respiração: uma pessoa poderá viver por alguns dias sem tomar nenhum sustento; mas se a privarem da respiração por alguns minutos cessará de existir. Nem basta que tenha ar sufficiente para respirar, é mister que seja puro, porque a chamma vital não póde medrar em atmospheria corrompida.

Aquelles que experimentarem a agradável respiração do ar fresco da madrugada não estranharão, por certo, o abatimento e apparencia enferma dos que, encerrados toda a noite em uma pequena alcova, respiram uma atmospheria prejudicial; e não ha ahí tambem quem, depois de ter respirado o ar livre da manhã, possa supportar o ambiente pestifero de um aposento aonde alguem dormiu fechado. É isto uma prova evidente de quanto é nociva a practica dos que teem por habito fecharem-se em alcovas para se resguardarem do frio, ou por outro qualquer motivo, a ponto de impedir a saída do ar corrompido, sendo obrigados a respirar a atmospheria contaminada da prisão em que dormem, sem se lembrarem que o corpo é mais susceptivel de impressões atmosphericas em estado de repouso, do que posto em acção.

Se um quarto em que dorme uma só pessoa, por mais aceado que seja, é sujeito a este inconveniente, quanto o não será aquelle em que muitas pessoas se encerram, nas grandes noites de inverno, mórmente se não tiver janellas oppostas para que possa ser arejado e purificado durante o dia? Quanto mais damnoso não será se lhe deixarem luz de cebo ou de azeite, cujos vapores subtilissimos são igualmente nocivos? É no tegurio do pobre, onde muitas vezes no mesmo cubiculo, alem da familia, dormem junctos o cão e o gato, o que não acontece? Por mais insensivel que os seus habitos indolentes lhe tornem o olfacto, não deixará de perceber que a propria natureza se ressentida, e que por fim ha-de succumbir ao poder destructivo de tão venenosas inspirações.

É preciso ter presente em regra geral que toda a habitação, quarto ou logar, onde se sentir alguma impressão desagradavel ao olfacto, é prejudicial á saude. O creador sem duvida nos concedeu este sentido para nos precavermos dos perigos a que estamos sujeitos pela corrupção da materia animal e organica.

Para manter a atmospheria de um quarto livre da contaminação não basta a renovação do ar, é preciso tambem renovar com todo o cuidado tudo quanto possa prejudicar a sua pureza. Abertas pela manhã as portas e as janellas de um quarto de dormir, devem sacudir-se os lençoes, e estender por algumas horas para que os limpe o ar dos effluvios animaes que nelles se depositam, principalmente se a pessoa que ahí dormiu for sujeita a suar muito; e se chegarem a humedecer é mister secca-los ao sol ou ao fogo: muda-los por outros lavados seria o mais seguro. É isto da maior importancia para os que forem de compleição delicada e não gosarem boa saude. Muitas pessoas, que de noite não podiam dormir socegadas, se restabeleceram com a simples practica de mudarem de lençoes de duas em duas noites.

Deve haver todo o cuidado em não consentir flores nos quartos, porque podem corromper o ar emitindo o gaz acido-carbonico: ha exemplos de pessoas que, por ignorancia ou esquecimento, dormiram em alcovas pouco arejadas, onde as havia, e que nunca mais despertaram, morrendo asfixiadas, como se fóra por effeito do carvão queimado.

De tudo quanto levamos dito se infere quanto seja necessaria a renovação do ar para o manter puro e capaz de ser respirado.

*O unico e mais importante objecto da ventilação é facilitar uma corrente de ar saudavel.*

Na construcção das casas nem um só quarto deveria haver que não tivesse uma ou mais janellas expostas ao ar livre, assim como chaminé nos climas frios. E ainda quando não quizessem accender lume sempre estas serviriam para a ventilação, e para dar saída ao ar impuro de um quarto de dormir.

Varios expedientes se teem adoptado para desterrar os miasmas que exalam de si os enfermos, e purificar o ar dos quartos onde jazem. Ferver vinagre, fumar tabaco, queimar alfazema e outras plantas e pastilhas aromaticas, e algumas vezes polvora, são os meios de que ordinariamente se usa; nenhum delles porem é efficaz. A explosão da polvora parece á primeira vista mui conveniente por isso que remove o ar para uma certa distancia; porem deve advertir-se que o ar, produzido de novo pela sua combustão, é não só prejudicial, senão que talvez seja mais nocivo para a respiração do que aquelle que se procura expellir. O melhor meio de purificar o ar de um quarto, actualmente occupado por um enfermo, é renova-lo abrindo as portas e as janellas, e collocando a cama de modo que a corrente o não offenda: um biombo é muito proprio para este fim.

Muitas vezes é necessario purificar um quarto onde alguem morreu ou convalesceu de molestia contagiosa, para destruir o poder nocivo dos effluvios produzidos em taes casos, e impedir por algum modo a sua propagação. Isto se poderá conseguir uma vez que se observe cuidadosamente o seguinte.

Fechai todas as janellas do quarto que pretendeis purificar, deixando tão sómente aberta a porta por onde deveis sair. Ponde em um prato, não muito grande, mas de pouco fundo, tres colheres de sal commum bem pisado e estendido, e collocai-o no meio da casa; deitai-lhe em cima, por uma vez sómente, a quarta parte de um quartilho de oleo de vitriolo [acido sulfurico]; retirai-vos immediatamente, e cerrai a porta, deixando assim o quarto fechado por espaço de 48 horas. Logo que se lança o acido sobre o sal, começa de levantar um vapor summamente forte, chamado pelos chimicos *chlorina*, e em tanta copia que penetra a superficie das paredes, chegando a ponto de deteriorar os metaes,

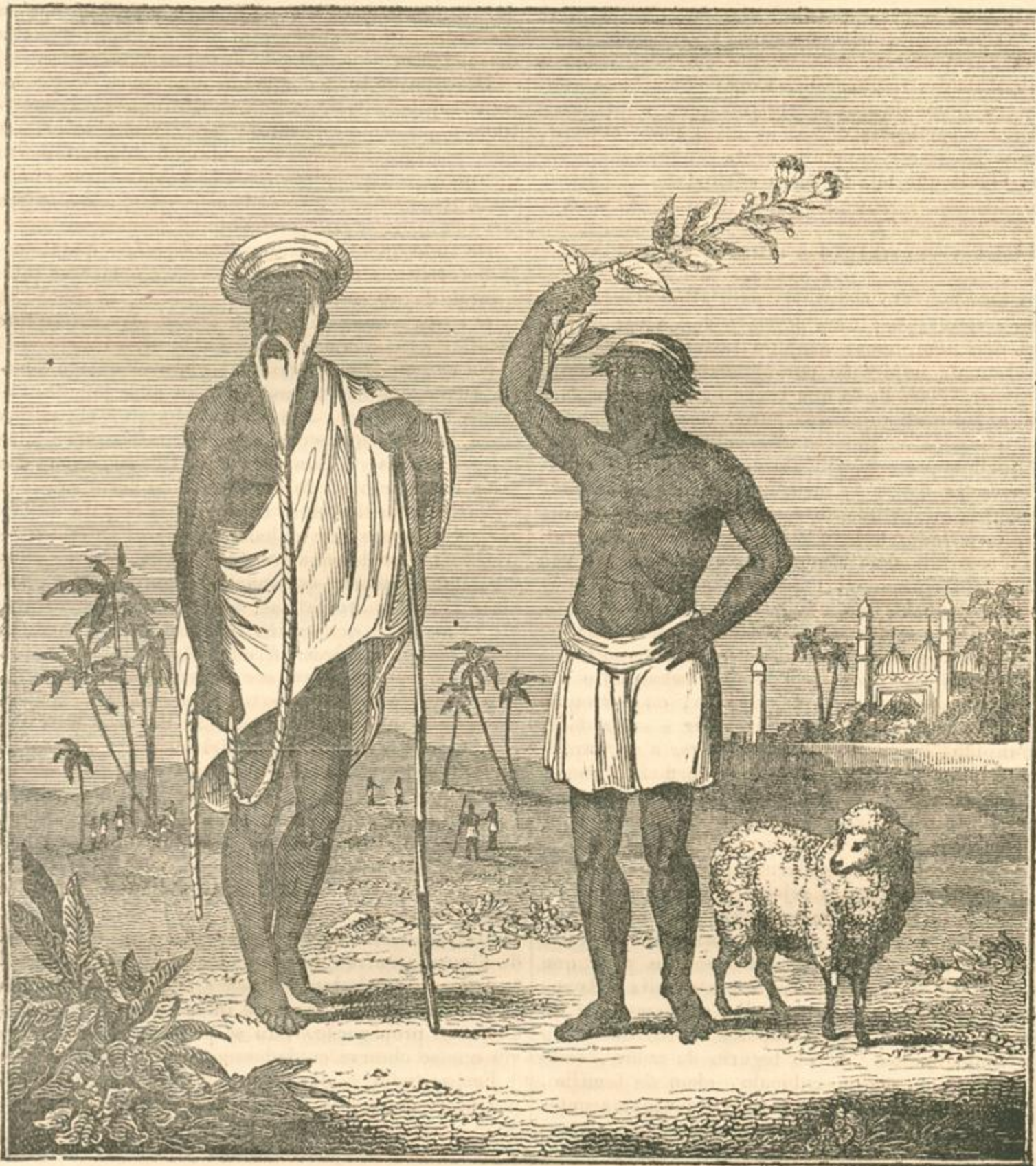


pelo que é mister arrecadar previamente todas as ferragens e ornatos de bronze ou ferro polido que houver no quarto. O vapor continua por muitas horas a diffundir-se por toda a parte de modo que chega a destruir effectivamente a materia que produziu a infecção. Passadas as quarenta e oito horas podeis entrar no quarto, e logo mandareis abrir todas as portas e janellas, ficando este assim perfeitamente limpo e capaz de ser habitado.

Se o quarto for muito grande serão necessarios dois pratos, cada um com igual porção de sal e vi-

triolo, ficando estes a alguma distancia um do outro.

Os que vivem em casas de campo, quintas ou eaaes, alem da limpeza e ventilação dos quartos, não devem consentir ao pé de casa esterqueiras nem aguas estagnadas, porque produzem exhalações que podem causar febres pútridas, especialmente durante os calores do verão. Finalmente todo aquelle que apreciar a sua saude deverá evitar com o maior cuidado tudo quanto possa offender a atmospherá em que vive.



O INDIO VORAZ E O SEU CAMARADA.

PREVENIMOS OS NOSSOS leitores de que a estampa e o artigo que lhe offerecemos se encontram em varias obras mui recommendaveis, e de que o facto que recordam foi narrado pelo major Hardwick á *Sociedade real asiatica*, que o consignou nas suas Memorias.

O indio da barba longa não é o figurão mais ex-

traordinario desta historia. Uma barba tão comprida que o velho se vê na precisão de a suspender para não arrastar pelo chão, é na verdade cousa d'espantar; mas as habilidades do seu companheiro causavam ainda maior assombro aos inglezes e aos indios que as presenciavam. Este era conhecido na provincia de Radjutana, principalmente em Lucnow



[onde muitas vezes deu espectáculo ao publico] pelo nome de *comilão de carneiros*. Se dermos credito a muitas testemunhas oculares o indio voraz agarrava um carneiro vivo e o tasquinava com toda a limpeza e sem cerimonia; e ás vezes entrava por segundo carneiro, deixando apenas alguns restos para a ceia. Acabada a deglutição, mascava e engolia alguns pedaços de uma planta chamada *madar* [asclepiade gigante] que tem fama de auxiliar a digestão e na India é muito usada como medicamento. A nossa estampa representa o comilão meneando o ramo de *madar*, como sempre costumava depois do brutal banquete. Os credulos reputavam este homem por individuo sobrenatural, e affirmavam que á falta de carneiros devorava creanças. O velho, que o acompanhava parecia extremamente idoso, não tanto pela brancura dos cabellos, como pelas rugas fundas que lhe sulcavam o rosto: era o que chamavam o *gura* ou *padre espiritual* do comilão de carneiros; depois de por muito tempo exercitar o officio de fakir, extorquindo as esmolas dos devotos patricios, metteu-se a empresario de espectaculos de raridades e ganhava a sua vida com o seu voraz companheiro, pouco mais ou menos como por ahí fazem os que mostram o macaco e o urso. Um viajante inglez, testemunha d'uma façanha do comilão, queixa-se de que o *heroe voraz* não estava de maré nesse dia: — “O indio tinha pouco appetite, devorou só um carneiro, diz elle, e depois accrescenta com a maior singeleza do mundo — *“cada quarto de carneiro havia de pezar as suas treze libras.”* Parece que cabia neste caso dizer: desculpará a pouquidade.

#### EDUCAÇÃO MORAL.

*Educação moral das creanças.*—A base da educação moral são os bons costumes, e os bons exemplos. O principio e a base de todas as virtudes, diz Locke, é o habito, e a faculdade de reprimir e domar as paixões. O poder de vencer as inclinações, que a razão desapprova, adquire-se, e aperfeiçoa-se pelo uso de combatê-las. A virtude no homem limita-se ao conhecimento perfeito dos seus deveres, e ao costume de praticá-los.

Emquanto a alma tenra e flexivel das creanças póde facilmente receber toda a casta d'impresões, procurai dirigir-lhe e disciplinar-lhe o espirito. Fazei com que submettam as suas vontades á razão dos outros, para que no futuro possam consultar a propria razão, e obedecer-lhe.—O costume faz tudo:—se tolerar-mos a uma creança, nos mais tenros annos, os caprichos da idade, vê-la-hemos depois orgulhosa, irascivel, e teimosa. Quererá, mas já tarde, enfrear as paixões; porem sujeita, como escravo, ao fogo impetuoso que a consome, lamentará a sua fraqueza, sem saber o modo de se domar.

Bem chorava o czar Pedro 1.<sup>o</sup>,—este homem extraordinario, tão superior ao seu seculo e nação—o descuido com que, a semelhante respeito, se houveram quando o educaram.—Consignaremos aqui um dicto que pinta a alma d'aquelle heroe;—que a historia guardou cuidadosamente; e que deve servir de lição á posteridade. Depois de um accesso de violenta colera contra Lefort, seu valido, exclamou o monarcha — “Reformei uma nação, e não pude reformar-me a mim!” — Ha uma idade em que as inclinações e defeitos que não foram reprimidos na infancia, nem pelos esforços da razão podem ser corrigidos.

Necessario é convencer uma creança destes dois pontos essenciaes;—de que lhe consagrâmos amisa-

de sincera, mas sem fraqueza, para assim lhe captarmos amor e respeito, conduzindo-a com segurança pela estrada da moderação e brandura:—e de que somos mais fortes e judiciosos do que ella, afim de a inclinar-mos á docilidade e obediencia, indusindo-a a imitar as boas acções de que lhe offerecer-mos exemplo. Destruida a obstinação e os caprichos, a educação é simples e facil.

Cumpra provar ás creanças que se lhe dâmos qualquer cousa não é tanto por lhes ser agradável, como por lhes ser util. Convem não as contrariar sem legitima causa, nem por um modo caprichoso e arbitrario, mas sim fazer que algumas vezes experimentem o imperio da necessidade, ao qual todo o homem deve submitter-se com resignação. Trabalhai porque a auctoridade de pae ou de mestre não seja percebida; ou pelo menos, temperai-a e modificai-a gradualmente, para que deste modo gozeis, assim na infancia, como na adolescencia e virilidade dos vossos filhos ou discipulos, da sua amizade e sympathia. Titulos tão gratos são mais custosos de merecer e obter do que geralmente se pensa.

Não esmagueis imprudentemente com o peso do vosso dominio estas tenras creaturas, que não obstante a sua fraqueza, sentem como por instincto, o desejo e a necessidade da independencia. O demasiado rigor só serve para irritar as creanças, fazendo-as más e dissimuladas, desenvolvendo-lhes inclinações viciosas, que se lhes deveriam banir da alma.

A educação servil imprime no character vileza e timidez. A creança, que só obedece por medo do castigo, procura sempre subtrahir-se ás pesquisas e vigilancia do pai, ou mestre; e a que nunca tiver conhecido a bem regrada liberdade, abusará da independencia com todo o genero de excesso.—“Denuncio como damnosa, diz Montagne, toda a violencia que se pratica na educação de uma alma tenra, destinada á honra e á liberdade. O rigor e violencia encerram certa dóze de *servilismo* e vileza.”

Se, pelo contrario, souberdes evitar com cuidado a voz sempre odiosa do poder, empregando com arte os conselhos, e admoestações, conservareis a estima e affecto de vossos discipulos, levando-os sem custo pela senda da honra, por meios indirectos e insensiveis. Os vossos alvitres lhes ficarão gravados na memoria;—serão acolhidos os vossos discursos; e seguidos os exemplos que lhes derdes:—quanto menos parecer que governais, mais solidamente governareis. “Nenhum poder sobre a terra, diz o abbade de Lamennais, conseguirá verdadeira submissão se a sua auctoridade não for fundada em direito, e não governar conforme a lei.”

A razão, que dirige commummente o homem desde os mais tenros annos ligada a estes dois poderosos moveis do coração humano—o amor da gloria, e o receio do opprobrio—faz as qualidades do homem. O elogio dado a tempo, e com discernimento, influe saudavelmente, dispondo a alma para a virtude e acções nobres, com a mira na estimação geral. Os castigos que o prudente mestre deve empregar são reprehensões mais ou menos graves, conforme o grau de culpabilidade, acompanhadas de signaes d'indifferença ou desprezo, até que a mudança de procedimento na creança lhe dê direito a ser readmittida no gremio da nossa amizade.—“As creanças, diz Locke, devem ser reprehendidas com methodo, em termos graves, sem paixão; e melhor effeito produzirá se for em particular.”—A repugnancia que sente o pai e o mestre em publicar as faltas dos seus filhos ou discipulos lhes faz elevar a um grau eminente a reputação destes:—é grato elogia-los em presença dos outros. Todas as acções em que se não des-



cobrem más inclinações d'espírito, ou indícios de máu character, se reputarão faltas simples: — a imprudencia, desmaselo, e folguedo dão-lhes também direito a alguma indulgencia.

É mister relevar ás crianças varias irregularidades proprias da idade: — a punição extemporanea tem sempre consequencias damnosas. Uma admoestação é quanto basta para corrigir os erros a que nos leva a fragilidade, inadvertencia, ou o esquecimento. Se, porem, observarmos teima na vontade da creança — se a sua acção for effeito de desobediencia formal e premeditada, é então uma necessidade o castigo; mas ainda assim convem usar d'elle com prudencia e serenidade. A teima, a desobediencia voluntaria, e a mentira estudada, são os defeitos que releva punir mais severamente. A arte de educar e governar os homens é a arte de recompensar e punir, é a sciencia mais necessaria aos mestres e pais de familia. Em quanto ás creanças bom será não as afagar nem castigar demasiadamente; e menos enfurecer-nos contra ellas—offender-lhes o amor proprio, facilmente irascivel—ou praticar á sua vista, ou de forma que lhes chegue ao conhecimento, as mesmas faltas de que queremos corrigi-las.

Nunca façais diante de vossos discipulos o que não levarieis a bem que elles fizessem imitando-vos. As creanças e os mancebos aspiram a ser homens, e estão sempre promptos a seguir o que vêem praticar ás pessoas de mais idade.—Um espirito de imitação natural ao homem, principalmente nos tenros annos, o submete e sujeita á influencia do exemplo. Se, desde a infancia, elle vir o constante exercicio das boas acções, acostumar-se-ha a fazer uso dellas; e este habito contrahido nos tenros annos, e fortificado com a experiencia cria uma segunda natureza. O mestre nunca deve dar escandalo aos discipulos com o seu procedimento: — os máus exemplos terão sempre muito mais imperio do que os mais salutaes conselhos.

Temperae a severidade á medida que vossos discipulos augmentarem em idade; — quanto mais cedo os tractardes como entes sensatos, mais depressa a rasão se lhes desenvolverá, aperfeiçoando-se e amadurecendo. E ainda que seja muito importante conduzir as creanças pela senda da rasão, nem por isso é conveniente obriga-las a longos e fastidiosos raciocinios e preceitos. Edificai-as antes com exemplos e boas acções do que com discursos: — fallai pouco, mas ponde frequentemente em pratica o que for bom e util. As principaes regras que devem acompanhar o desenvolvimento moral das creanças, e que ao habil educador cumpre saber applicar e modificar com prudencia e tacto, conforme a idade, character, inclinações, e capacidade dos seus discipulos, são as seguintes: — poucos preceitos; uma moral pratica que faça amar a virtude, e incline as creanças a serem compadecidas, generosas e humanas para com os desgraçados:—escrupulosa escolha das pessoas que houverem de tractar com ellas: — conservar na sua presenca o procedimento exemplar, afastando-lhe dos olhos o quadro das paixões, fraquezas, e defeitos que não devem contrahir, evitando ao mesmo tempo o fallar-lhes em faltas que ainda não commetteram: — achar o meio termo entre a extrema indulgencia, e a extrema severidade, cedendo aos seus desejos quando for possivel sem inconveniente; pois que desta forma lhes ganharemos a amisade, mostrando-nos sempre dispostos a concorrer para seu bem-estar: — perseverança inflexivel nas cousas que uma vez lhes negar-mos, quando a negativa se fundar em rasão e necessidade; — e o talento de nos fazer-mos igualmente amados e respeitados, gover-

nando pela influencia dos bons exemplos, e familiarizando as creanças com a virtude por meio do habito.

O resultado da boa educação moral deve ser uma feliz e continuada harmonia entre as disposições da alma, e as acções exteriores.

#### FORMAÇÃO DA TERRA VEGETAL.

QUEM diz *Walter Scott*, nomeia um dos mais engenhosos e amaveis escriptores dos modernos tempos. Todos conhecem o auctor, já estimado pelos seus poemas românticos antes de apparecer *Waverley* e a multidão de ficções, que todos hoje leem com gosto, composições que mostraram ao mundo a fertilidade daquelle raro talento. Todavia nem todos sabem que *Walter Scott*, não satisfeito com os creditos de *romancista*, poeta e historiador, escreveu também sobre agronomia e horticultura artigos cheios de elegancia e de pensamentos exactos. Extrahiremos d'um desses uma passagem para que os leitores possam avaliar como o grande poeta da Escocia tractava estas materias: e será um trecho sobre um phenomeno commum, mas pouco observado pela maior parte da gente.

“Não ha cousa que tanto interresse aos espiritos meditadores como os meios que a natureza emprega para augmentar incessantemente a extensão de terra cultivavel: esses meios são tão variados que destroem todos os obstaculos, mas por grande que seja a sua diversidade sempre caminham para o mesmo fim. Quando, por exemplo, a superficie de uma rocha está exposta á acção da atmospherá é simultaneamente atacada por agentes chimicos e mechanicos: a luz lhe desenvolve o fogo latente, e em breve os poros se alargam bastante, de modo que admittem a humidade, que pouco a pouco se diffunde pela superficie e a torna desigual. O ar deposita nestas minutissimas escabrosidades sementes de lichens ou musgos; estes precusores da vegetação enraizam-se e as fibras, mediante as quaes adherem á rocha, produzem um acido vegetal, que é um mordente activissimo, e que augmenta as desigualdades que a humidade e o calor tinham causado. No emtanto os lichens murcham e morrem: decompondo-se formam uma camada de terra vegetal propria já para a nutrição de plantas mais importantes; ou, se a superficie do sólo offerece fendas, aquelles residuos cahem e combinam-se, fertilisando-a, com a areia subtil que o vento transportára, ou que a acção do ar despegára das margens interiores das fendas. A obra da producção e da decomposição continúa, e o sólo adquire o fundo e fertilidade de que precisa para crear plantas ainda mais perfeitas e corpulentas. A natureza augmenta o vigor e accelera a força productora, á proporção que se avizinha do complemento da sua tarefa. Por isso quando já pode produzir tojos, que seccam todos os annos, os restos que deixam formam montinhos conicos de terra vegetal á roda de cada pé que fenecêra: e quando tem passado tempo bastante, de forma que estes montinhos se estenderam por maior superficie, a natureza modifica de novo os seus meios, e semeia abrolhos, e silvas, que se propagam e pela queda annual da folhagem augmentam muito o fundo e fecundidade do chão: estas especies constituem o principal meio que emprega para preparar camadas de terra adequadas a corpulentas arvores. Com effeito são estas especies as que primeiro rebentam nos matos recém-cortados. O ar espalha muitas vezes no meio de silvedós a semente do caryalho magestoso, que cresce e prospera em



chão que lhe convem, defendido pelos espinhos das carças, que o cercam, dos dentes damnhos dos aui-maes. Mas as arvores grandes, tendo chegado á altura e grossura que inutilizam auxilios estranhos, suffocam os protectores da sua infancia, privando-os do ar e da luz, sem que não podem viver: então as plantas espinhosas vão nascer e refugiar-se nas extremas ourelas da floresta, onde abundantemente saturadas da luz do dia, continuam a augmentar gradualmente o dominio das suas superiores por invasões nos baldios, que fertilisam, até que esses terrenos incultos se cubram de magnifica vegetação. As raizes das arvores mais fortes penetram pelo chão em todas as direcções, e até se entranham pelas gretas dos rochedos já cheias de materias vegetaes decompostas; e se entumescem ou se contraem conforme augmenta ou diminue o calor: obrando como uma especie de alavancas abalam, erguem, estalam e a final reduzem a pó as fragas por onde a principio com tanto custo se introduziram. Emquanto as raizes laboram debaixo do chão destruindo os obstaculos, que encontram, não estão em ociosidade os ramos e folhas, que absorvem os atomos vegetaes fluctuantes na atmospheria, e proprios á nutrição da arvore: esta, assim mantida, cresce incessantemente, produz e larga para o chão flores e fructos. Os fructos servem de alimento aos animaes, ou vão ser o germen de arvores novas; e as folhas, decompondo-se, augmentam cada vez mais a grossura das camadas de terra vegetal. Outra causa contribue tambem para a fecundidade do terreno: os productos das plantas pequeninas dão subsistencia a milhões d'insectos, entes que perecem depois d'ephémica existencia, e com seus restos concorrem para melhorar a terra com que se misturam. Chega enfim a epocha, em que a arvore, perfeita e completa, pode ser cortada, então o cultivador entra na posse desse terreno que tão habilmente lhe preparou a bemfazeja mão da natureza. Tal é o andamento invariavel que esta por lei do Creador segue, ora mais lenta, ora mais pressurosa segundo a resistencia ou facilidade que encontra.

“Eis-aqui o que todos podem ver, quer estudando a mesma porção de terreno durante uma serie de annos, quer observando simultaneamente diversos terrenos, cada um dos quaes offerecerá uma das phases que descrevemos. Portanto, esses lichens, musgos, carças, e tojos, que o ignorante despreza, e considera só como signaes de irremediavel esterilidade, são pelo contrario causas de fecundidade, e meios de que a eterna Sabedoria se serve para preparar terras fertes ás futuras gerações d'uma população progressiva.”

#### FUNDAÇÃO DAS COLONIAS DO RIO DA PRATA.

(Conclusão.)

O rogo da discordia ateou-se na capital do Paraguay, e os guaranis ligados com os agaces quizeram aproveitar-se das dissensões dos hespanhoes. Porem Irala, que ficára governando depois da prisão de Alvaro Nunes, reunindo a algumas tribus fieis de selvagens 300 soldados com que podia contar, dissipou logo a rebellião, firmando a paz em 1548. Este homem affouto e emprehendedor, que não fazia caso de fadigas, intentou de novo passar ao Perú por terra; e enfim depois de numerosos combates com os indigenas do sertão chegou aos confins do paiz que demandava; mandando porem cumprirem o interino commandante de Lima, este lhe aconselhou que não se entranhasse pelo territorio, porque os

parciaes do antigo governador, Gonçalo Pizarro, dispersos pelos districtos circumvisinhos, poderiam seduzir os soldados, e ressuscitar as desordens que havia algum tempo estavam apasiguadas. Mas Irala não pôde conter os seus companheiros, e cada um para sua banda tomaram todos o caminho d'Assumpção: todavia assim que chegaram ao *Pão d'Assucar*, sabendo das discordias da capital foram fazendo alto, e antes d'entrar na cidade reuniram-se ás ordens do seu capitão. Encontrou este grandes mudanças, porque como o julgavam morto tinham levantado por governador um tal Diogo d'Abreu, que não lhe quiz ceder o governo, mas que a final foi obrigado a larga-lo, fugindo para o mato, onde o mataram, apesar das diligencias que o seu concorrente fez para salva-lo. A actividade d'Irala não affrouxou; combateu felizmente os guaranis, que eram os mais turbulentos, e fundou a villa de Oliveros.

Emquanto isto se passava uma turba de intrigantes trabalhava em Madrid para alcançar o governo do Paraguay, até que um fulano Salazar sahiu em 1552 para Assumpção com o cargo de thesoureiro geral, e ahí chegou, depois de varios successos, no começo do anno de 1555, desembarcando o primeiro touro e as sete primeiras vaccas, que teve aquelle paiz e que ao fim d'alguns annos tinham propagado prodigiosamente, como se observa da immensa quantidade de gado vaccum que cobre as campinas do Rio da Prata. Alguns hespanhoes, que não quizeram seguir Salazar, e que saltaram no porto de S. Vicente, foram fundar a colonia de S. Francisco, entre a Cananea e a ilha de Sancta Catharina, mas não se dando bem seguiram por terra para a Assumpção, onde chegaram ao mesmo tempo que o thesoureiro geral. Irala estava tão firme no governo que seria baldada tentativa querer desapossa-lo; antes pelo contrario, a corte d'Hespanha lhe confiou novos e extraordinarios poderes, de que foi portador o primeiro bispo da colonia, chegado no mesmo anno de 1555. Investido no cargo de capitão general, aquelle homem extraordinario repartiu em districtos os indios, pondo-lhes commandantes; tentou abrir communicação com o Brasil, e mandou uma expedição para facilitar a passagem para o Perú. Adoeceu porem logo que esta partiu, e ao cabo de sete dias falleceu de idade de 70 annos. Irala foi o governador mais influente nos primeiros estabelecimentos do Paraguay, a sua morte foi geralmente sentida, e até a sua ultima vontade respeitada; porque seu genro, Gonçalo de Mendonça, a quem nomeára por successor, tomou sem obstaculos nem contradicções o timão dos negocios da colonia.

Chaves, que mandára a expedição do Perú, constando-lhe na provincia de Mato-grosso a morte de Irala, resolveu crear um estabelecimento independente do Paraguay, mas a maior parte dos seus desapprovando o projecto o abandonaram, e quando entrou pelas planicies de Gualquiota, na proximidade do Perú, viu-se na necessidade de contender com André Manso, que tambem alli pertendia estabelecer-se. Todavia Chaves partiu para Lima, e obtendo justiça, voltou a fundar a cidade de *Santa Cruz de la Sierra*, que foi transferida para o sitio onde hoje se acha, 17.<sup>o</sup> 49' 44" de latit. e 61.<sup>o</sup> 43' 30" de long., pouco distante do primeiro local.

Por este tempo houve grandes desordens em Assumpção, por morte do governador Mendonça: foi nomeado contra vontade do bispo um certo Zarate, que sahiu para Madrid a sollicitar a confirmação do governo, e deixou o seu substituto Caceres exposto ao furor do prelado que lhe quiz usurpar a auctoridade. O governador interino viu-se na precisão de mandar



fazer algumas prisões, e o bispo o excommungou e a seus partidarios. Zarate estava então a chegar, Caceres desceu pelo Rio da Prata a encontra-lo, mas cansado d'esperar voltou á capital; neste intervallo o bispo ganhou partido e dispunha-se a tirar a vida ou a liberdade a Caceres. Este tractou de reforçar a sua guarda, puniu alguns dos contrarios, e os outros esconderam-se: porem, nos fins de 1572, indo Caceres á missa o bispo o mandou agarrar no santuario, metteu-o n'uma prisão e guardou a chave, até que dalli o transportaram para a cadeia de S. Vicente no Brasil. Passado algum tempo, morrendo o prelado perseguidor, Caceres foi solto e pôde voltar a Hespanha, onde se justificou.

Nesta epocha Juan de Garay lançou os fundamentos da cidade de Sancta-Fé de Vera-Cruz, por ordem do feroso bispo, que todavia não chegou a ver realiado o seu projecto. Garay dahi a tempos soccorreu Zarate, que, chegado da Europa, fôra accommittido pelos indios charruas, e por morte deste ficou governando como tutor d'uma filha que deixára.

Buenos-Ayres estava então absolutamente arruinada; havia muito tempo que os habitantes a tinham abandonado, quando o novo commandante das possessões do Paraguay foi estabelecer no mesmo local sessenta hespanhoes, mandou reedificar as casas, e em summa fundar de novo a cidade, substituindo ao nome de *Nossa Senhora* o de *Trindade* de Buenos-Ayres. Alem destes importantes trabalhos, Garay repartiu em districtos as tribus de guaraní das vizinhanças. Porem o infeliz não teve tempo de ver os bons resultados de seus desvelos: subindo pelo rio na volta para Assumpção os minuanes o surpreenderam e assassinaram e a quarenta pessoas da sua comitiva. Succedeu-lhe Alonso de Vera e Aragão, que se entranhou pelas terras sertanejas do Chaco até ás margens do Rio Vermelho, e ahi fundou uma povoação chamada *Concepcion de Buena-Esperanza*. No emtanto chegou o verdadeiro governador a *Concepcion* em 1587, e no anno seguinte mandou outro Alonso de Vera, por alcunha o Tupi, irmão do precedente, com uma expedição, que deu principio á cidade de *Corrientes*, e aldeou os indios vizinhos. Parece que findos estes trabalhos o governador se recolhêra a Hespanha. Os seus successores pouco cuidaram de descobrimentos; e a historia do paiz, se exceptuar-mos o estabelecimento dos jesuitas, desde então até o principio do nosso seculo não appresenta muitos factos importantes, alem de que pertence já á historia moderna, bem como a emancipação e os successos das republicas do Rio da Prata.

#### THEOREMAS DE PLATÃO SOBRE O MODO DE INVOCAR A DEUS.

QUANDO se invoca a Deus, cumpre pôr todo o cuidado em não pedir cousa injusta.

O homem pede mal quando pede cousas prejudiciaes, ou ignora o que lhe convem.

O conhecimento do fim verdadeiro ou optimo é a base das sciencias, e tambem institue a posse real e solida de todas as cousas.

Quando dirigirmos peticões a Deus, devemos propor-nos a alcançar o fim optimo.

É audacia temeraria pensar que Deus, á similhaça do que succede com os homens, ha-de ceder ás nossas dadas, ou commover-se á vista dos sacrificios e mais ceremonias exteriores inventadas pelos homens.

Deus não quer dos homens sacrificios nem dadi-

vas, mas sim almas puras e adornadas com a justiça e piedade.

Se as rogativas dos homens não tiverem este fundamento só servirão para desagradar a Deus.— Pelo contrario as preces das almas pias e justas o satisfazem sempre, ainda que lhes falte o apparatus das ceremonias.


Os pagãos ignoram o verdadeiro methodo de orar, e confessam existir em escuridade em quanto á natureza de Deus. — Por isto devemos convencer-nos de quanto somos mais felizes do que elles conhecendo o verdadeiro Deus, e o modo de invoca-lo.

Deus não seria justo nem sancto se attendesse mais ao numero dos sacrificios e valor das dadas, do que á pureza do justo ou á sinceridade do arrependido.

*Modo de branquear a laã.* — Tomam-se por cada libra de laã duas de greda branca, ou giz pulverizado e misturado com agua de rio na consistencia de polme. Amassa-se a laã com esta calda, e põe-se a seccar por vinte e quatro horas, depois esfrega-se lava-se bem para sahir toda a cré ou giz. A laã ficará mui alva e limpa, se a agua com que a lavarem for fria, porque sendo quente não fica bem branqueada.

Ha tres cousas que devem causar pressa: — fugir da peste — apagar um incendio — e escapar d'uma rixa.

A natureza, o tempo, e a paciencia, são os tres grandes medicos do mundo.

 A Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis tendo visto a acceitação que este Jornal tem merecido do Publico, determinou melhorar esta publicação ao começar o seu 4.º anno, distribuindo os exemplares depois de assetinados pela prensa hydraulica, dando maior numero de gravuras portuguezas, e inserindo a maior quantidade de artigos sobre as antiguidades e historia do nosso paiz e outros assumptos nacionaes, assim como sobre o imperio do Brasil; e as nossas colonias; e alem destes todos os que por interesse ou novidade forem dignos da attenção geral.

A Direcção annuncia aos S.<sup>rs</sup> Assignantes actuaes desta capital que continuará no principio do anno futuro a mandar-lhe os N.<sup>os</sup> ás suas residencias, procedendo depois á cobrança por meio de recibos impressos assignados pelos Directores: aquelles S.<sup>rs</sup> que não quizerem continuar terão a bondade de o declarar em tempo no Escriptorio desta Sociedade.

Os S.<sup>rs</sup> Assignantes das provincias, nas terras onde não houver correspondentes da Sociedade, são avisados para renovarem com tempo [querendo] as suas assignaturas, enviando a importancia pelo seguro do Correio Geral, franca de porte.

Os pregos são:

Por um anno, ou 52 N.<sup>os</sup> 1 \$ 200. r.<sup>s</sup>

Por semestre, ou 26 N.<sup>os</sup> \$ 640.

A Direcção annuncia que não receberá correspondencias que não venham francas de porte, excepto dos Correspondentes da Sociedade; por isso roga a estes S.<sup>rs</sup> queiram pôr o seu nome no sobrescripto das cartas que enviarem á Direcção.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.<sup>o</sup> 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.